

PALÁCIO DO PLANALTO, BRASÍLIA, DF, 15 DE JULHO DE 1997

*Senhora Professora Ruth Cardoso, Presidente do Conselho do Programa Comunidade Solidária; Senhor Vice-Presidente Marco Maciel; Ministro Clóvis Carvalho; Senhores Ministros de Estado que aqui se encontram; meu caro amigo Enrique Iglesias, Presidente do BID; Hor Hevertain, representante da Unesco; Senhoras e Senhores,*

Há muitas razões de satisfação para nós contarmos, esta manhã, com a presença do presidente do BID, com a boa vontade da Unesco, com a eficiência do Ministro Clóvis Carvalho. Mas, dentre todas as razões de alegria, quero destacar o fato de que o Dr. Enrique Iglesias participa da solenidade e me dispensa de falar. Por quê? Porque nós fomos formados na mesma escola da Cepal. Ele diz mais ou menos as mesmas coisas que eu gosto de dizer. Há mais ainda: quando ele chega aqui, como hoje – ele é banqueiro, dizem –, fala do social e, melhor ainda, a quem é “pobre” dá 3 milhões. Porque isso não é empréstimo, é doação – 4 milhões. De modo que fico cheio de alegria.

E é maior a alegria ainda porque, há pouco, no caminho da minha sala para cá, me encontrei, até por acaso, com o Presidente Iglesias e ele

me deu uma outra notícia que me deixa, não só a mim, mas eu tenho certeza de que ao Ministro Kandir, com um enorme entusiasmo. Os senhores sabem que nós estamos discutindo no Congresso o FEF, o Fundo de Estabilização Financeira, e o Dr. Iglesias me disse que dos 6 bilhões de dólares do programa BID com o Brasil 50%, 3 bilhões, vão para os municípios. De modo que, realmente, é esse testemunho vivo a presença dele aqui, com toda essa generosidade e, mais que generosidade, com a capacidade de definir corretamente onde estão os problemas. É motivo muito grande de satisfação.

O Ministro Clóvis Carvalho já expôs, já mostrou – eu vou repetir o que ele já disse, que é o essencial – como é que estamos avançando ou tentando avançar nessa área. Os dados são eloqüentes. O dado apresentado pelo professor Wilmar Faria significa, *grosso modo*, que nós tivemos um aumento de 50% do gasto *per capita* na área social no Brasil nesses quatro anos. Quer dizer, é realmente alguma coisa que precisa entrar na cabeça dos brasileiros. Vez por outra, eu vejo notícias diferentes: “Diminui o gasto!” – toma-se um gasto absoluto como se fosse um dado, um item qualquer; às vezes, tem que ser desativado porque aumentou a eficiência; ou o programa tem que ser desativado porque não serve mais –, como se fosse uma catástrofe nacional; quando, na verdade, quando se olha com mais calma o conjunto das políticas, nós vamos ver que é o oposto: nós estamos é aumentando fortemente o gasto social. E o que é importante nesses quatro anos é que ai já vão dois governos. E daqui até dez governos não vai haver alternativas: o gasto social vai ter que aumentar, porque já existe uma consciência no Brasil, uma pressão na sociedade e uma consciência no Estado, não é no Governo, na máquina estatal, na burocracia estatal, de que é preciso gastar mais.

Mas o Clóvis disse, citando Montoro, que era preciso gastar melhor os escassos recursos. Eu acrescentaria alguma coisa a mais: os recursos começam a deixar de ser escassos. Há razão adicional para se gastar melhor ainda os recursos quando eles são um pouquinho menos escassos, porque nós temos um pouco mais de amplitude na definição dos objetivos, das prioridades, e isso requer de nós maior responsabilidade.

Creio mesmo que, se há alguma questão que passa a ser decisiva hoje, no Brasil, e eu tenho certeza de que em outros países da América Latina também, e talvez do mundo, nos países que estão se transformando, é a questão gerencial. Nós, hoje, estamos saindo de uma situação de escassez para uma de capacidade de bem gastá-los. Mas não quero citar exemplos, a não ser os exemplos que temos, já, da recomposição de certos fundos de financiamentos – FGTS, o FAT –, da Caixa Econômica, do Banco do Nordeste, do Banco do Desenvolvimento Econômico, do próprio Banco do Brasil, com captações novas de recursos até no exterior para financiamento das safras; do Pronaf, que é um programa de assistência familiar. São dezenas de programas, Aqui alguns foram citados. Tudo isso indica que a batalha agora é gerencial.

A choradeira de que a Fazenda não solta o dinheiro vai continuar existindo, porque a Fazenda vai continuar não querendo soltar o dinheiro, é natural. Eu fui Ministro da Fazenda, sei que a gente vai ter aquele impulso – você foi para o Banco Central, sabe como é isso –, aquele impulso terrível de não soltar. Mas, de qualquer maneira, as forças capazes de fazer com que – o Paulo Renato já ficou feliz, rindo sozinho – efetivamente o dinheiro flua já existem. Não estou tão seguro é da capacidade de bem gastar. Acho que esse passa a ser o nosso teste decisivo. Daí a importância do programa Brasil em Ação, do gerenciamento, da definição, como foi feito aqui, dos programas sociais. Nesses programas é que nós vamos travar a batalha decisiva para saber se estamos sendo capazes de bem gastar.

E bem gastar é ser pão-duro. Por isso que eu sou mau para gastar. Não é ser pão-duro: é, realmente, modificar a cabeça, saber que, em certos momentos, tem que arriscar. E quem é banqueiro sabe que tem que arriscar. Não é só uma questão de você ter garantias: em certos momentos, não adianta dar, mesmo tendo garantias, porque, com mais recursos, a pessoa se afoga; em outros momentos, é preciso, imperativamente, dar os recursos. Então, nós temos que criar novas sensibilidades.

Bom, 300 pessoas não é um mar de gente. Mas são pessoas-chaves. Como disse aqui o Ministro Clóvis, já existe um sistema de capilaridade para isso também, para que nós possamos ir estendendo a quantidade e

a qualidade, ampliando a qualidade das pessoas que são capazes de bem gerenciar.

Então, é isso que eu quero dizer ao Vice-Presidente, que sabe e compartilha das mesmas aflições minhas. Nós temos problemas graves no Brasil. Temos condições de dar saltos. O Nordeste é um caso em que nós, hoje, temos condições plenas de dar um grande salto. E acabo de estar por lá. Estive no interior de Sergipe e no interior da Bahia. A gente percebe onde conta? É no pequenino, que não aparece, no que não sai nos jornais, que as coisas começam a acontecer. E, por isso, a nossa responsabilidade é imensa.

Termino, dizendo que tenho certeza de que, diante da generosidade do BID, da capacidade que a Unesco tem de se sensibilizar por problemas que não são diretamente dela, mas que ela apóia com entusiasmo; da vontade que tem o Governo de acertar, eu tenho certeza de que aqueles que são realmente o fundamental desse processo, que é o conjunto de funcionários, das pessoas que trabalham no Governo, vão aceitar esse desafio com grande entusiasmo.

Talvez seja de justiça dizer que, muitas vezes, apressadamente, se julga o conjunto da Administração Pública como se ela fosse simplesmente burocrática, incompetente e que não trabalha. Isso não é verdadeiro. Mas nós temos realmente exemplos extremadamente positivos, no sentido de que no nosso país a Administração Pública, apesar de tudo, dos baixos salários em certos momentos, em certas situações, da falta de treinamento continuado, de uma burocracia mais eficiente, das pressões políticas, que são inegáveis; apesar de tudo isso, existe um conjunto grande de pessoas que têm espírito público, que, além de terem – e devem ter –, no bom sentido, o espírito de corpo, porque têm que valorizar o que lhes é próprio, sabem também que o verdadeiro espírito de corpo só existe quando se mantém o espírito público e, portanto, não se estiolam as ações que têm sentido mais geral.

Tenho certeza de que isso existe. Tenho, portanto, a convicção de que o programa será exitoso.

Muito obrigado às senhoras e aos senhores.